ISSN: 2358-8829

MEMÓRIAS DA AMÁLIA: INTERFACE ENTRE ESCOLARIZAÇÃO E COLONATO[1]

Maria Fernanda Vilhena Mafra Bazon [2]
Daniele Lozano [3]

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

> O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele [...] Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado (Chauí, 1994, p. 18).

Nesta pesquisa buscamos olhar para o velho como guardião de uma história pouco contada e produtor dos sentidos que dela se depreende. O foco temático do estudo são as memórias de antigos moradores da Fazenda Amália – localizada em Santa Rosa do Viterbo, interior de São Paulo – acerca do processo de escolarização e do regime de colonato que perdurou até meados de 1950-60, visando reconstruir e reviver os sentidos criados nas interações escolares e sociais daquele grupo, em consonância com as relações de trabalho.

Foram entrevistados antigos moradores que apresentavam uma característica em comum: serem imigrantes italianos ou seus descendentes, e terem morado na fazenda por algum período entre 1920 e 1970.

Os pressupostos teóricos que fundamentaram este trabalho estão baseados na Teoria Histórico Cultural, em especial de Vigotski e Leontiev, que compreendem que o indivíduo não traz como herança genética a condição humana, sendo essa desenvolvida e apropriada na interação entre os homens e nas suas relações com o mundo. Desta forma, o grupo cultural, social, econômico e histórico não apenas influencia, mas direciona o desenvolvimento dos indivíduos.

Quando estudamos as memórias dos participantes da pesquisa não podemos deixar de entender o contexto ao qual fazem e faziam parte, e quais são os sentidos e significados

[1] Parte deste trabalho foi publicados nos anais do CONPE - 2015.
[2] Docente da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, mariaf.vilhena@ufscar.br;
[3] Docente da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, lz.dani@ufscar.br

ISSN: 2358-8829

depreendidos de suas relações. Desta forma, ao buscarmos entender o sentido do colonato e da escolarização nas lembranças dos informantes desta pesquisa levamos em conta esta estrutura conceitual e as relações existentes entre sentido – significado, tal como proposto por Vigotski (2001). Focamos a forma como a organização social do trabalho e da vida cotidiana configurou-se como produtora de sentidos que afetaram o processo de escolarização, e como este último afetou as interações sociais na fazenda, e, portanto, a constituição da subjetividade do indivíduo e das características do grupo. Por meio da memória individual que remete à memória coletiva visamos entender como a forma de organização social, escolar e do trabalho, vivenciadas pelos antigos moradores da Fazenda Amália, pode ou não ter influenciado o seu desenvolvimento.

Não podemos deixar de tratar, mesmo que brevemente, de como entendemos a memória de velhos. Para tanto tomamos como base a pesquisa de Bosi (1994), que entrevistou pessoas com mais de setenta anos que moraram na cidade de São Paulo durante grande parte de suas vidas. Sua obra teve como intenção o registro da vida e do pensamento de indivíduos, por meio de seus relatos e chamou a atenção para o fato de que a memória é uma rede infinita de conexões na qual só registramos alguns fragmentos.

Não existe uma forma única de se entender a memória, sendo assim, nessa pesquisa utilizamos do entendimento de Halbwachs (2003, 2004), que compreende a memória a partir de sua teoria psicossocial. Para ele, existe um predomínio do social sobre o individual, podendo alterar de maneira significativa os estudos sobre a percepção, a memória e a consciência, sendo assim, os fatos sociais são constituídos de uma forma de agir, pensar e sentir que são exteriores aos sujeitos, sendo possuidores de poder coercitivo.

O autor propõe que a memória não conserva o passado de forma inteira e autônoma, pelo contrário, as interações atuais da pessoa é que desencadeiam o curso da memória. A memória de um sujeito está vinculada à memória do grupo ao qual o mesmo pertence, sendo que esta última se vincula ainda a uma esfera maior da tradição que constitui a memória coletiva das sociedades (Halbwachs, 2003; 2004).

Ao buscarmos estudar a memória de antigos moradores da Fazenda Amália sobre os sentidos e significações dados à escolarização em meio ao regime de colonato, estamos tratando da memória de um grupo, portanto seus relatos nos trazem a sua forma subjetiva de olhar os acontecimentos passados em interação com a memória coletiva construída a partir deste passado.

ISSN: 2358-8829

Silva (1998) em pesquisa acerca de uma greve dos trabalhadores ocorrida na década de 1960 na Fazenda Amália afirma:

> Ao reconstruírem suas histórias singulares, homens e mulheres empreendem um verdadeiro retorno a situações distantes de sua memória, retirando da experiência vivida relatos permeados de dramaticidade, emoções, simbolismo, frutos não de mera descrição do passado, mas de sua recriação e revivificação. Dispõem de suas próprias histórias e daquelas relatadas por outros que deixaram marcas em sua memória. É nesse momento que as memórias individuais entrecruzam a memória social, coletiva. Os relatos constituem fragmentos significativos para cada um dos narradores (...) (p. 219).

Por fim, neste trabalho buscamos nos aproximar da história de um grupo, que em sua época, fez parte de uma das maiores e ricas fazendas do estado de São Paulo, vivenciando a transformação tanto do processo de escolarização quanto do regime de colonato. Para entendermos a relevância destas questões e do período histórico em que se encontram explanaremos brevemente a constituição da fazenda Amália, seu Grupo Escolar e os fatos que levaram ao declínio do colonato e à expulsão de grande parte de seus moradores.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo delinear a interface da escolarização e suas interfaces com o trabalho do colonato da Fazenda Amália, por meio da (re)construção da memória coletiva de velhos imigrantes italianos e seus descendentes que moraram na Fazenda Amália, nos anos 1920 à 1970.

METODOLOGIA

Este estudo teve como base a metodologia da história oral, tal como entendida por Alberti (2011, p. 18), portanto trata-se de:

> (...) método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (...) Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

A história oral, conforme mostra a definição proposta baseia-se no processo de entrevista, que ganhou o status de documento em especial a partir da segunda metade do século XX, quando a história oral se configurou como potencialmente interessante para o estudo de acontecimentos e contextos sociais.

A delimitação da pesquisa e a escolha pela utilização da história oral não dispensa a consulta de outras fontes caso existentes, como por exemplo, documentos, imagens, gravações.

ISSN: 2358-8829

Nesta pesquisa foram participantes seis antigos moradores da Fazenda Amália que apresentavam no mínimo 65 anos no momento da coleta de dados, e que frequentaram o grupo escolar que existia nesta fazenda. Para garantir o sigilo de identidade dos informantes foram atribuídos nomes fictícios aos sujeitos, sendo eles: D. Ivete, D. Lucinda, D. Lúcia, D. Odete, Sr. João e Sr. Luís. Todos eram moradores da Fazenda Amália, foram alunos do grupo escolar nela localizado e posteriormente trabalharam na propriedade, em empregos formais e/ou não formais.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas temáticas, de acordo com Alberti (2011), pois visaram analisar as memórias dos informantes acerca de um período específico de tempo, contando para isso com um roteiro semiestruturado. Entretanto, apesar da escolha pela entrevista temática, a escolarização e as relações de trabalho mobilizam diversas interfaces da vida do sujeito e estas não foram desconsideradas no processo de entrevista e de análise de dados. Portanto o trabalho apresentado aqui trata-se de um recorte de uma pesquisa maior que levou em consideração outros eixos temáticos que surgiram nas entrevistas.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas pelas pesquisadoras. A escolha pelo áudio se deu pela constatação de Alberti (2011) que aponta que o vídeo em termos gerais provoca maior inibição nos entrevistados.

Cabe por fim esclarecer que em consonância com os princípios do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos foram seguidos todos os procedimentos éticos necessários, sendo a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisamos aqui os caminhos tomados pelas lembranças dos participantes da pesquisa tendo como objeto de estudo a escolarização e o colonato. Quando pensamos na (re)construção de uma memória coletiva podemos retomar Bosi (1994) quando aponta que a confirmação da memória dada pelo outro, reafirma a lembrança, se assim não acontecesse a lembrança poderia entrar no campo da ilusão, gerando dúvidas. A confirmação de nossa lembrança pelo outro gera alívio, pois estabelece o real acontecimento da memória. “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão” (Bosi, 1994, p. 407).

ISSN: 2358-8829

Mesmo que muito do que lembramos se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é quem memoriza o passado a que tem acesso e retém aquilo que lhe tem significado (Bosi, 1994). Aqui podemos nos remeter aos pressupostos de Vigotski sobre o significado e sentido, afinal o significado proposto por Bosi, se aproxima da interpretação dos signos coletivos que impregnam a memória individual porque a ela fizeram sentido. São fatos, objetos, lugares que marcam a subjetividade individual, tomando uma "cor" que é dada pela memória do sujeito e que se reflete em sua expressão das recordações. Retornando a Bosi (1994), podemos então compartilhar lembranças com outros indivíduos, e apresentarmos diferenças nas observações do mesmo fato, embelezando ainda mais o processo de memória.

Um fator que foi marcante no depoimento dos participantes refere-se ao sentimento de tristeza e melancolia ao falarem sobre o declínio da Fazenda Amália, ocorrido nos últimos anos, que levou inclusive à demolição de grande parte das casas dos colonos, e estruturas sociais, tais como grupo escolar, hospital, cinema, entre outras. A não existência das estruturas físicas que fizeram parte do dia-a-dia destes moradores gera neles a expressão de isolamento e de que as memórias por eles guardadas se perderão sem registros.

Outro fato de grande relevância presente nas lembranças de todos os informantes refere-se a bondade, sofisticação e generosidade do Conde Matarazzo e sua família. Muitas vezes levando a uma idolatria grupal que atribui à família Matarazzo atos que não foram por eles empregados, como por exemplo, a propriedade do Grupo Escolar da fazenda que era uma escola do Estado. Não estamos aqui negando a contribuição desta família ao grupo, por meio da merenda e do transporte dos professores, mas o ideário social transformou os proprietários da Fazenda Amália em “heróis” em uma realidade desprovida deles, sem se dar conta dos mecanismos de controle e do foco no lucro que o Conde, assim como outros fazendeiros da época, desempenharam por meio do regime de colonato.

O grupo escolar atendia tanto os moradores da sede quanto das colônias, entretanto, apesar dos informantes relatarem que não havia diferenciação entre a vida na sede e nas colônias, ao longo de seus discursos, encontramos apontamentos que não confirmam isso: chama a atenção o horário diferenciado no período da escola e o fato de que na sede se concentravam os imigrantes italianos e seus descendentes, que possuíam condições privilegiadas, tanto de escolarização, quanto na vida profissional.

Conforme apontado por Silva (2008) e confirmado no relato de alguns participantes deste estudo, nem sempre as crianças, moradoras das seções tiveram acesso ao grupo escolar. A autora afirma que haviam escolas nas seções, na verdade uma sala de aula como relatado por

ISSN: 2358-8829

Dona Odete, entretanto segundo alguns entrevistados por Silva nem todas as colônias possuíam esta classe escolar, "[...] fato que obrigava as crianças a se dirigirem a pé até a seção mais próxima, onde houvesse uma escola" (Silva, 2008, p. 211). Este fato já começa a nos indicar que apesar da memória dos participantes trazerem lembranças de uma não diferenciação entre a vida na sede e nas colônias, haviam sim diferenças arraigadas tanto no status social dos moradores das seções quanto no fato de que na sede morava uma grande concentração dos imigrantes italianos, fato compartilhado com a família Matarazzo.

A fazenda Amália era na época um local de grande desenvolvimento tanto agrícola, quanto industrial com a presença, por exemplo, de fábricas de conserva, doce, extrato de tomate, caixa de papelão e destilaria de álcool. As matérias primas da fazenda e de outras propriedades do dono também abasteciam outros setores industriais que estavam crescendo na época.

Nas entrevistas de todos os informantes foi nítido o sentimento de que a fazenda se constituiu como lugar extremamente valorizado para a moradia e o trabalho na época, a ponto de alguns informantes chegarem a se emocionar profundamente ao relatar que precisaram sair da fazenda e se mudar para outras localidades.

No que se refere às memórias da escolarização e a interface com o colonato podemos destacar que a escolarização, o trabalho e as relações na fazenda estão intimamente vinculados, devendo ser olhados de forma conjunta para entender a complexidade das relações provenientes do regime de colonato. O colonato presente na fazenda Amália deixou suas marcas tanto na estrutura organizacional da propriedade, quanto nas relações humanas e de escolarização de seus habitantes.

Um fator marcante da pesquisa é que todos os participantes ao serem questionados sobre a fazenda demonstraram grande receio de participar das entrevistas, em especial de falarem do ambiente de trabalho na mesma, sendo expressamente referente ao medo de represálias pela família Matarazzo. Um dos poucos indícios do medo que nos foi permitido gravar está na fala de Dona Lucinda que ao sair da fazenda foi proibida pela família de manter contato com os Matarazzo. Sendo ela uma das funcionárias da fazenda que teve contato direto com a família, por cuidar de uma das filhas do casal, poderia ser natural que após sair da fazenda buscasse saber informações sobre a menina, por quem se afeiçoou; entretanto suas irmãs e familiares pediram distanciamento por considerar que o poder da família Matarazzo poderia atingi-los mesmo fora da fazenda.

ISSN: 2358-8829

Em relação ao colonato, Martins (2010) aponta que com o fim do modelo escravista e feudal os proprietários de fazenda enfrentaram um dilema para definir as relações de trabalho que surgiram. Por isso, o autor propõe que é preciso ater-se às mediações e determinações das relações de produção que deram a característica ao regime de trabalho que ficou conhecido como colonato e perdurou até os anos finais da década de 1950-1960 e foi empregado na maior parte das fazendas cafeeiras e de cana-de-açúcar do país.

Martins (2010) aponta ainda que a relação entre colono e patrão era complexa e uma de suas marcas era a caderneta que registrava a conta corrente do colono com seu proprietário. A igualdade entre colono e patrão era apenas a representada entre compradores e vendedores, já que acobertava a desigualdade no processo de trabalho. Sobre a caderneta podemos destacar a fala do Sr. João:

> Sr. João: No começo o pagamento do trabalho era feito tudo na caderneta, você recebia um valor que era anotado na caderneta e depois ia descontando nas coisas que comprava lá dentro da fazenda, depois passou pra receber em dinheiro e depois já era direto no banco, eles depositavam na sua conta.

Pelas informações obtidas nas entrevistas, o sistema de caderneta foi utilizado na sede da fazenda Amália até meados da década de 1950, sendo posteriormente substituído pelo pagamento em dinheiro, entretanto o sistema de vale e de ordem para as compras na fazenda permaneceu. No que se refere às seções da fazenda, Silva (2008) aponta que o registro do salário em cadernetas permaneceu por tempo mais prolongado.

Neves (2008), em pesquisa sobre as formas tuteladas de condição camponesa, mostra a extensiva utilização do sistema de colonato e de morada nas fazendas cafeeiras e de cana-de-açúcar por toda a primeira metade do século XX. O controle e coerção, decorrentes do colonato, sustentava-se na exploração da força de trabalho.

Se surgissem conflitos por quebra das regras consensuais entre proprietário e colono os mesmos resultavam no rompimento definitivo da relação de colonato e abandono da propriedade pelo trabalhador. Se o mesmo resistisse em sair de sua casa decorria-se a humilhação e indignação podendo levar a violência psicológica e física (Neves, 2008). Esta humilhação foi muito tratada por Silva (2008) que analisou a greve ocorrida na Fazenda Amália, também, referidos em depoimentos de informantes deste estudo, tais como o de Dona Ivete sobre o pai.

Um fator de grande relevância refere-se à relação entre escolarização e trabalho na fazenda Amália, pois em diversos relatos notamos que os moradores que frequentaram o grupo

ISSN: 2358-8829

escolar puderam ascender na carreira profissional mesmo sem a escolarização mais avançada ou treinamento necessário. A ideia que permeava as funções na fazenda era a de que os indivíduos aprendiam a partir do cotidiano de trabalho, mais do que pela continuidade dos estudos. Este fator é nítido ao nos debruçarmos sobre o percurso do Sr. João nas funções da fazenda, já que o mesmo inicia como coroinha na igreja, passando para auxiliar na farmácia, encarregado do almoxarifado, chefe administrativo da pecuária, diretor da pecuária e supervisor de contabilidade. Fica claro também que os funcionários eram transferidos de setores para atender às necessidades da família Matarazzo, mesmo que não houvesse treinamento necessário.

Ao mesmo tempo em que era possível ocupar lugares de destaque e controle na fazenda (em especial pelos moradores da sede) alguns dos informantes, como Dona Lucinda e o Sr. Luís, demonstraram, que a saída da Amália impulsionou financeiramente e pessoalmente suas vidas, identificando melhores oportunidades em médios ou grandes centros urbanos, mesmo apenas com o diploma do primário.

Em nossa pesquisa a interface entre o colonato e a escolarização dos moradores da fazenda foi nítida e permeada de forma constante pelos mecanismos de dominação provenientes das relações de trabalho. O medo ao falar das coisas ruins ou mesmo da imaginação de algo que pudesse desagradar os proprietários, associada à exaltação da generosidade com o grupo escolar, por exemplo, demonstra os mecanismos de controle subjacentes às relações na fazenda. Em nenhum momento estamos afirmando que esta generosidade não existia, mas não podemos fazer dela uma leitura ingênua.

Por fim, podemos destacar que: nos relatos são notórios os fios que se entrelaçam das memórias individuais, formando uma memória coletiva de um tempo saudoso e que deixou marcas profundas naqueles que o vivenciaram. Assim como nos afirma Marx e Engels (1991, p. 37) “[...] os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das recordações de um indivíduo podemos entender a forma como guiou sua vida, sua história, recordações impregnadas das linhas de seu coletivo, das cores dadas pelo grupo que no passado viveu situações, ideias, ideais que perpassaram a subjetividade coletiva

ISSN: 2358-8829

e individual. Bosi (1994) nos fala que nossa lembrança de um fato não é apenas nossa, mas sim derivada de um conjunto de lembranças daqueles que compartilharam de nosso cotidiano.

Neste estudo é marcante a construção de uma memória coletiva que permeia depois de mais de cinquenta anos a história dos indivíduos que viveram na fazenda Amália. Foram pessoas que, apesar de terem se conhecido em sua infância e juventude, perderam o contato entre si ao longo de suas vidas, mas gravaram na memória os traços de um cotidiano compartilhado, de uma vida que outrora lhes fez sentido. As construções da fazenda foram, em sua maioria, derrubadas: a usina, o mercado, o hospital e a ferrovia já não existem mais no mundo físico, mas sobrevivem de forma imponente nas memórias destes velhos, que apesar do isolamento causado pela lembrança fora do espaço concreto, permanecem como guardiões de uma época e um local que só existe em suas recordações. A fazenda de hoje está degradada, mas revive por meio das falas dos informantes, sendo assim, as relações de sentido que seus velhos moradores construíram ao longo dos anos que lá viveram são parte integrante de suas vidas e dão o tom e a cor de suas recordações.

A vida na fazenda é lembrada pela grande maioria dos informantes como um tempo que apesar de duro e muitas vezes permeado de dificuldades, trazia a beleza e a oportunidade de se viver em um lugar privilegiado. Ao pensarmos que pelo menos para os moradores da sede a escolarização era um direito respeitado, existe razão em se entender este privilégio, afinal a escola nas décadas de 1940, 1950 e 1960 estava longe de possuir viés democrático. A educação no Brasil, naquela época, passava por grandes dificuldades de estrutura, regulamentação e organização que repercutiram nos diferentes projetos de reformas e leis que se sucederam. Sendo assim, o Grupo Escolar da Fazenda era sim uma oportunidade que grande parte da população não tinha.

O colonato não apenas marcou as relações econômicas de seus moradores, mas também gerou uma marca de submissão que é estampada hoje na lembrança saudosa e idolatria e ao mesmo tempo no receio de desabonar algum membro da Família Matarazzo. A subordinação social e econômica dos moradores para com esta família, também, estavam presentes de forma significativa no processo de escolarização, afinal na lembrança dos velhos moradores ficam as dúvidas: de quem era o Grupo Escolar? Quem oferecia os materiais, professores, merenda? Este Grupo, lembrado com tanta saudade por Dona Ivete, era gerenciado por quem? No papel, com certeza pelo Estado, mas no imaginário coletivo de seus alunos e professores pelos Matarazzo.

Ao nos debruçarmos sobre os relatos constatamos que as relações estabelecidas no colonato trazem consigo limites pouco definidos, afinal, de quem é a casa onde se mora? Pode-

ISSN: 2358-8829

se fazer benfeitorias para a vida ser melhor, mas para quem ficam estas benfeitorias? O Sr. João diz em uma de suas falas que se houvesse capricho por parte do morador, as condições de vida eram boas, afinal podiam ter uma casa, quintal, horta, criação…. Mas de quem eram realmente estes bens? Dos colonos expulsos após a greve? Dos colonos, como o próprio Sr. João, que um dia perceberam que não poderiam contar com aquele ambiente e aquela regalia? De quem eram as oportunidades de ascensão nos postos de trabalho? Dos mais competentes ou dos mais próximos à família?

Fica evidente, ao focarmos o conjunto de relatos, que a fazenda Amália foi sim um local no qual a vida trouxe contornos sociais e culturais, que dificilmente estariam presentes no Brasil rural dos meados dos anos 1940 e 1950, entretanto, não podemos negligenciar que as relações de trabalho e econômicas dentro da fazenda traziam amarras que impregnaram a vida coletiva e a subjetivação de seus moradores. Afinal, como morder a mão que me alimenta? Como trair com a minha memória a família que me proporcionou estudo, trabalho, casa, água, luz…? Como afirma Martins (2010) o colono era livre, afinal, a escravidão havia acabado, mas esta liberdade trazia em si a perversidade das relações de dependência entre trabalhador e patrão, na fazenda Amália, estendiam-se para a educação dos filhos dos moradores, para o atendimento hospitalar, para o acesso a bens culturais, para a prática esportiva… Desta forma, o colonato nesta fazenda impregnou mais do que a vida econômica de seus moradores – em suas memórias, mesmo após décadas, entendem sua vida na Amália como um tempo que deve ser lembrado com gratidão, mesmo por aqueles que saíram de lá em busca de melhores oportunidades e as encontraram. A vida ali determinou a estruturação da consciência de seus velhos moradores, que traçaram suas histórias a partir de lembranças de um tempo que mesmo com contornos pouco definidos e nebulosos, marcou suas interações cotidianas ao longo de sua história.

Palavras-chave: memória de velhos, escolarização, colonato.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLLI, C.S.; SILVA, M.A.M. Da fazenda do café a area de preservação. A dissolução do colonato na Fazenda Jathay (SP). In: NEVES, D.P.; SILVA M.A.M. (orgs) **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**, volume 1. São Paulo: Editora UNESP, Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008, p. 185-204.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, 235 p.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembrança dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484 p.

GÓES, M.C.R.; CRUZ, M.N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. **Pró-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, maio/ago 2006. p. 31-45.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, 222 p.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Anthropos, 2004, 431 p.

MARTINS, J.S. **O cativeiro da terra**. São Pualo: Contexto, 2010, 288 p.

SILVA, M.A.M. Fiandeiras, tecelãs, oleiras… Redesenhando as grotas e veredas. **Revista Projeto História**, v. 16, p. 75-104, fev 1998.

SILVA, M.A.M. Greve na fazenda. In: NEVES, D.P.; SILVA M.A.M. (orgs) **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**, volume 1. São Paulo: Editora UNESP, Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008, p. 207-232.

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas II**. Incluye Pensamiento y Lenguaje Conferencias sobre Psicología. Madrid: Visor, 2001, 484 p.